

Houthis, apoiados pelo Irã, atacam cidades na Arábia Saudita e ferem mais de 70

Grupo usou drones e mísseis para atingir base aérea saudita controlada por petroleira no sul do país

Por **Folhapress**

Os houthis, grupo rebelde do Iêmen apoiado pelo Irã, atacaram quatro cidades no sul da Arábia Saudita, ferindo mais de 70 pessoas e incendiando instalações petrolíferas, em uma expansão do conflito no Oriente Médio.

Os rebeldes, que controlam a maior parte das áreas povoadas do Iêmen, incluindo a capital, Sanaa, afirmaram ter lançado uma ampla operação em território saudita.

O grupo usou drones e mísseis para atingir uma base aérea saudita na cidade de Khamis Mushait, no sul do país, e alvos pertencentes à estatal petrolífera do país em Abha, Najran, na fronteira com o Iêmen, e Jazan, importante cidade portuária do mar Vermelho que abriga uma grande refinaria e uma usina de energia.

Imagens de satélite da Nasa mostraram uma densa nuvem de fumaça preta sobre a refinaria de Jazan e uma coluna de fumaça branca subindo de um centro de distribuição de petróleo em Abha.

As autoridades sauditas descreveram incêndios nos locais atingidos e informaram que mulheres e crianças estavam entre os feridos.

Os relatos sugerem que os ataques estiveram entre os

maiores realizados contra a Arábia Saudita desde que os Estados Unidos e Israel iniciaram a guerra contra o Irã, em fevereiro.

Segundo a agência Reuters, ainda não há imagens confirmadas do local das consequências dos ataques às cidades sauditas e não foi possível contatar testemunhas em um país onde a imprensa é rigidamente controlada.

As fotos divulgadas pelos houthis de explosões do que alegaram serem caminhões sauditas atingidos em ataques separados na fronteira, em outra área, são de segunda-feira (7).

Os rebeldes iemenitas disseram à AFP que a Arábia Saudita respondeu, nesta terça-feira (8), com bombardeios, em sinal de escalada do conflito que pode levar tensão ao estreito de Bab al-Mandeb, no mar Vermelho. Outro gargalo marítimo da região, assim como o estreito de Hormuz, que pode levar instabilidade aos mercados globais.

Os houthis não controlam propriamente o estreito, mas dominam partes importantes da costa iemenita próximas da via marítima, o que dá ao grupo poder de fogo em área ampla no entorno do estreito, principalmente no mar Vermelho. Os rebeldes tentam



Rebeldes dizem que Riad responde a ataque nesta terça-feira, em meio à escalada do conflito

avançar em áreas costeiras mais próximas do estreito, que são controladas por grupos contrários a eles e apoiados pelos sauditas.

Mais de 500 pessoas morreram desde que os rebeldes houthis lançaram uma ofensiva na semana passada para avançar em direção a essas outras áreas costeiras, segundo uma contagem da AFP baseada em fontes de ambos os lados.

Com Hormuz fechado pelo Irã, parte importante da produção saudita em direção à Ásia precisa do fluxo aberto em Bab el-Mandeb, daí a relevância do gargalo marítimo para Riad.

A Organização Internacional para as Migrações in-

formou que mais de 18.500 pessoas fugiram de suas casas devido aos combates ao longo da costa oeste do Iêmen nos últimos três dias.

“A coalizão tomará todas as medidas operacionais necessárias para deter essa milícia terrorista e confrontará resolutamente sua abordagem hostil”, disse Turki al-Malki, porta-voz da coalizão liderada pela Arábia Saudita, em um comunicado divulgado pelo X.

O porta-voz dos houthis, Yahya Saree, acusou Riad de ter intensificado a guerra ao lançar ataques aéreos contra o Iêmen e afirmou que os houthis responderão.

Após um mês de calmaria em agosto, os combates no golfo Pérsico recomeçaram,

com o Irã e os EUA trocando ataques, o que fez com que os preços globais do petróleo se aproximassem do patamar de US\$ 100 por barril, ultrapassando no auge da guerra.

Os ataques dos houthis no sudoeste da Arábia Saudita têm o potencial de agravar o impacto econômico global da guerra, interrompendo o fornecimento de energia do Oriente Médio além do bloqueado estreito de Hormuz, em meio a embate entre o Irã e os EUA.

O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, afirmou após os ataques que a ofensiva houthi tem “mãos iranianas” por trás. A União Europeia pediu aos rebeldes que colocassem fim aos bombardeios.

Fim da guerra vai restaurar laços EUA-Rússia, diz Trump a Putin

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ligou nesta terça-feira (8) para Vladimir Putin e disse ao colega russo que o fim da Guerra da Ucrânia irá promover a restauração completa dos laços políticos e econômicos entre Washington e Moscou.

O assessor presidencial russo Iuri Uchakov fez o relato. A ligação de Trump ocorreu dois dias depois de os EUA retomarem o processo de mediação da guerra, que dura quatro anos e meio.

No fim de semana, os enviados Steve Witkoff e Jared Kushner se encontraram pri-

meiramente com Putin em Moscou, e depois com Volodimir Zelenski, na sua primeira visita à Ucrânia desde que Trump voltou ao poder.

Ambos os lados relataram conversas positivas, mas ainda não está certo se a negociação direta entre as partes, interrompida desde que Trump passou a dar atenção prioritária à sua própria guerra contra o Irã, no fim de fevereiro, irá ocorrer.

Zelenski afirma que é possível que isso ocorra ainda neste mês, mas o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, expressou um otimismo de

outra natureza nesta terça. Ele afirmou acreditar que a “a vitória está próxima”.

No telefonema a Putin, segundo Uchakov, Trump pediu novamente um fim rápido para o conflito. O líder russo descreveu sua visão da linha de frente e das hostilidades no geral, e reafirmou que não tem planos para atacar nenhum integrante europeu da aliança militar Otan.

Tal temor foi um dos motivos que levou o americano a enviar seu chefe de espionagem, John Ratcliffe, a uma rara viagem a Moscou, na semana retrasada.

A abordagem de Trump nesta terça foi típica de seu estilo, calcada nas vantagens econômicas que a paz traria. “Na sua visão, isso [a restauração total da relação EUA-Rússia] terá impacto particular em comércio e laços econômicos, prometendo enormes benefícios aos dois países”, disse Uchakov.

A conversa ocorreu logo após os bombardeios russos a Kiev serem retomados, depois de terem sido pausados durante a preparação e a viagem dos enviados americanos. Ao menos cinco pessoas morreram, e a Força Aérea disse que houve “dezenas de mísseis balísticos” em ação.

Os militares só disseram ter derrubado a maioria dos 142 drones e 31 de 32 mísseis de cruzeiro. O impacto da escassez de defesa aérea em relação especialmente aos

modelos balísticos, mais rápidos e letais, tem sido foco das queixas recentes de Zelenski.

Nesta terça, ele recebeu a promessa de que irá receber até mil mísseis para o sistema Patriot, em um prazo indeterminado, de seus aliados europeus. O número parece bastante superestimado. Os governos do Reino Unido e da Alemanha também se comprometeram a fornecer outros armamentos.

Os ataques de Kiev contra os russos deixaram vítimas também nesta terça. Ao menos uma pessoa morreu em Briansk e outra em Belgorodo, duas regiões meridionais que fazem fronteira com a Ucrânia. Outros dois civis morreram na Crimeia, anexada por Putin em 2014.

Por Igor Gielow (Folhapress)